

ILÍDIO TRINDADE

ONDE A TERRA
GUARDA O TEMPO

- romance memorialístico e crónica de costumes -



Ficha técnica:

Título: Onde a Terra Guarda o Tempo
- Romance memorialístico e crónica de costumes -

Autor: Ilídio Trindade

Revisão: Ilídio Trindade

Design e paginação: Editora Alma Letra

1ª edição, Viseu, julho 2025

Tiragem: 1000 exemplares

ISBN: 978-989-9140-29-5

Depósito legal: 551474/25

Nota: não é permitida a cópia ou reprodução integral ou parcial desta obra sem autorização prévia do autor.

*À minha filha e netas,
de quem sou e por quem sou.*

Grande licença deu a afeição a muitos que tiveram carrego d'ordenar estorias, mormente dos senhores em cuja mercê e terra viviam e hu foram nados seus antigos avós, sendo-lhe muito favoravees no recontamento de seus feitos. E tal favoreza como esta nace de mundanal afeição, a qual nom he salvo conformidade dalgũa cousa ao entendimento do homem. Assi que a terra em que os homens per longo costume e tempo foram criados, gera hũa tal conformidade antre o seu entendimento e ela, que havendo de julgar algũa sua cousa, assi em louvor como per contrairo, nunca per eles he dereitamente recontada. Porque louvando-a dizem sempre mais daquelo que he, e se doutro modo nom escrevem suas perdas tam mingudadamente como acontecerom.

Fernão Lopes, *Crónica de D. João I (Prólogo)*

NOTA PRÉVIA

Os acontecimentos narrados situam-se entre resquícios de memórias de vida em aldeias e a ficção enquanto ato (re)criador. Há personagens inspiradas em figuras que poderão ter existido, mas cujas características e ações surgem adulteradas, exageradas ou mesmo ficcionadas, pelo que nada pode ser imputado a ninguém em concreto; outras são completamente criadas e qualquer semelhança com a realidade será mera coincidência.

Nenhum nome próprio corresponde a quem ou ao que quer que seja, sendo todos pura invenção do autor.

Da leitura, nada se pode ou deve inferir ou atribuir a qualquer pessoa real, salvo se o que se disser for assumido como absolutamente verdadeiro pela própria ou pelo leitor.

Tendo em conta a utilização de alguns vocábulos típicos do registo popular e de expressões latinas, no final apresentam-se as respetivas “**Notas de Vocabulário**”, de modo a facilitar e a aprofundar a compreensão de alguns pormenores da narrativa.

Ilídio Trindade

PRÓLOGO

Há lugares onde o tempo resiste e não passa. Nunca passou, na verdade. Neles, tudo se transforma em memória: no cheiro a fumo das chaminés, no eco do sino, na gritaria esbaforida das crianças, nas vozes dos animais, no chiar das rodas de uma carroça na rua de pedra, nos dias de chuva e de sol, no avistar da serra.

A aldeia está-me no sangue. O meu pai era de uma; a minha mãe, de outra. Ambas parecidas, mas com diferenças que, em criança, me causavam estranheza.

Passei a infância numa delas e visitava a outra de vez em quando. Foi ali que aprendi a ler e a fazer contas, entre carteiras de madeira, ardósias riscadas e pedagogias que tiveram o seu tempo. Ali conheci a sede no verão, o aroma da resina e da giesta, o medo dos trovões e o calor de gente que, mais do que por nomes, se tratava por alcunhas. Fiz a escola primária, como então se dizia: quatro anos de chão batido, livros e cadernos encadernados a paciência, pastas de tecido.

Aos dez anos, parti para estudar. Mas, na verdade, nunca de lá saí.

Há lugares onde nunca deixamos de viver, mesmo quando a distância se mede em quilómetros ou em silêncios. Para mim, “a terra” sempre foi esse lugar. Vivi longe, continuo a viver longe, mas ali volto quando posso. Voltei sempre, aliás. Primeiro, pela presença e carinho dos meus pais; depois, pela nostalgia dos tempos de criança, revivida sobretudo em cada pessoa, cada espaço, cada memória impregnada de vida.

Este livro nasceu dessa ligação profunda, telúrica, da urgência de fixar o que o tempo ameaça levar. Não é um romance no sentido con-

vencional. É um mosaico de histórias, rostos, ditos e gestos. Um livro feito de gente. Gente real, imaginada, lembrada ou reinventada, mas sempre sentida. Por isso, não é tudo verdade. Mas tudo é verdadeiro.

Cada capítulo é uma janela aberta. Umas dão para a infância, outras para a vida de um povo que, sem saber, foi resistindo. Gente que trabalhava de sol a sol e colhia da terra o que ela dava. O padre que pedia chuva aos céus. A mulher que vendia tremoços, tortas ou pão. O miúdo descalço de nariz ranhoso e de alças ao pendurão. As velhas que fiavam o linho ao som do mundo. E tantas outras vivências, entre o encanto e o drama que todos, de algum modo, sentiam.

Outras janelas deixam entrar o cheiro da terra molhada depois da seca, a gargalhada solta de alguém na rua ou no largo, ou a dor calada de um velho que vê partir os seus.

A verdade da terra não se escreve; ouve-se. E estas páginas são isso: o que ficou nos meus ouvidos, no meu corpo, na minha memória.

No fundo, este livro não é uma cronologia, nem uma enciclopédia de recordações. É um gesto de ternura para com as vozes que me formaram, os silêncios que me ensinaram, os rituais que me moldaram sem que eu desse por isso. Escrevi-o como quem cose pedaços de linho antigo: com paciência, cuidado e lembrança nas pontas dos dedos.

Ler estas páginas é ouvir o sino a bater ao longe. É voltar à liberdade da rua numa tarde quente. É sentir como a terra, silenciosamente, guarda o tempo para quem nela e dela nasceu, e, um dia, a lá voltará.

Por isso, espero que quem por aqui passar saiba escutar. Com o vagar atento de quem escuta. E que sinta, página a página, como a terra guarda o tempo... e o devolve a quem ousa lembrar.

Ilídio Trindade

1.

Há terras feias de gente boa, onde nem todos escapam.

Numa terra que eu cá sei, guardiã da memória, daquelas aldeias perdidas e encravadas numa província interior do coração de Portugal, vive ainda uma comunidade de pessoas boas, humildes e de prolecta idade, que outrora lavraram os campos, agora a monte ou ocupadas por habitações sem planeamento, como abandonadas estão muitas casas velhas, a cair de podre, e cortelhos pestilentos que já tiveram bois, burros, porcos, galinhas, coelhos e outros animais de que dependia o sustento. Hoje, mais não são do que tabiques escaqueirados, lata amolgada, ferro retorcido, teias de arame e pó.

As ruas empedradas e as de terra batida, que no verão se transformavam em poalha e no inverno em lama escorregadia, sobretudo quando a geada congelava os caminhos, tanto se enchiam de crianças em correria, como de dejetos de animais. Com natural harmonia, os habitantes de Combadinha conviviam com estrumeiras e excrementos de cabras e ovelhas, de vacas e de bois, de burros, de mulas e de cavalos, mas eram, no fundo, gente feliz. Embora tivessem ocorrido, ao longo dos tempos, diversos casos de aperto ou momentos de vias de facto, mais dia, menos dia, tudo acabava por passar, porque ali morava muita gente boa e genuína. Ainda por lá se mantém algum desse povo humilde, educado e de princípios, tirante várias maçãs podres, como acontece nas fruteiras, nalguns

cestos e em todos os pomares.

Poucos anos depois da Segunda Guerra Mundial, a vida era de autêntica miséria. Em casa, no divertimento, no trabalho, na escola, nas ruas, nos campos, a pobreza enleava o quotidiano rotineiro. Mas como aquelas almas não conheciam mais nada — telefonias existiam quatro ou cinco e jornais chegava ali um de vez em quando —, viviam felizes, embora houvesse pessoas a passar fome, que se socorriam da caridade do próximo, quase sempre de famílias remediadas também. Muita gente descalça. Adultos e crianças. Se não fosse domingo ou festa a assinalar qualquer data especial, vestiam quase maltrapilhas para trabalhar no campo, na resina, na madeira, nas obras, nalguns ofícios.

Poucas mudanças trouxe a chegada da televisão, que passou a ser privilégio do *Café Central*, e, pouco depois, de mais duas ou três famílias. Automóveis eram coisa rara e quase desnecessária. Havia o *changoto* do Ti Adélio, o carro de aluguer do Alberto e a furgoneta do Manel Malhado, que dela precisava por ser negociante e transportador de vinho. Depois havia o *NSU* do senhor Jorge, que estava para Lisboa, mas dava algumas saltadas à terra, e o *Mercedes* do Armindo, que vivia entre a aldeia e uma cidade, nunca se soube bem onde, mas constava que em Vila Franca de Xira, Lisboa, Setúbal ou coisa parecida, e de quem se dizia ter por essas bandas um chorudo negócio de máquinas pesadas.

Para a lavoura, eram bestas e bois. Mesmo assim, para se poder ter todas as terras viradas e prontas para as sementeiras, era preciso haver o César, o Daniel e o Venceslau, cada um com sua junta de bois bem nutridos para serviço pago ao dia fora.

Ao dia fora andava também quase metade da aldeia, que não tinha mais do que uma ou duas tornas para cultivar por serem pessoas de linhagem muito humilde ou bafejadas com sete ou oito

irmãos que dispersaram a herança nas partilhas. Trabalhavam de sol a sol, em tudo o que fosse preciso, embora houvesse tarefas só de homens, vá-se lá saber porquê, todas relacionadas com o vinho, como a poda, a empa e a cura, continuando as mulheres a ser necessárias para apanhar as vides, chegar aos homens as estacas, as canas e o sulfato carregado de uma pia em cântaros de aduelas seguras por arcos de ferro.

Havia atividades que requisitavam toda a família e ainda ranchos de gente. Resultavam sempre numa simbiose perfeita de azáfama, trabalho, convívio e alegria, como era o caso da sacha do milho, das descamisadas, da malha da aveia, do milho e do centeio, da sementeira e arranca das batatas e, já no outono, das vindimas.

— *A vida não era fácil, mas era um descanso!* — recordou há dias um nonagenário que agora vive com os filhos em Lisboa.

Só o João Corneta era dono de um trator. Trabalhava com ele para quem necessitasse dos seus préstimos, sobretudo na lavra da terra e no transporte do que fosse preciso. Quando as carradas eram de grande peso ou volume era vê-lo cobrando por cada hora de motor a trabalhar. Mas se o vermelho *Massey Ferguson* do Corneta aliviava o trabalho dos bois e dos braços de gente, eram sempre precisos os animais para agradar a terra ou as forças de alguém para lançar a carga no atrelado de madeira engatado no trator.

O roncar das motorizadas só se tornou mais comum com o tempo, à medida que a rapaziada, depois de cumprir a tropa, deixou as bicicletas para se exibir montada nas *Sachs V5*, nas *Zundapp* e, mais tarde, nas *Famel*. A bicicleta, nua de apetrechos, artilhada de bancos de madeira para os filhos ou ataviada de fitas e de luzes, era transporte de que nem todos se gabavam. E a aprendizagem iniciava-se bem cedo. Muita miudagem começava de pequena a pedalar toda torta na bicicleta do pai. Enfiava uma perna no quadro para

chegar aos pedais e balançava corpo acima, corpo abaixo, por causa da amplitude dos pedais que, às vezes, era maior do que o tamanho das pernas.

— *Ena, já chega às pedales e sabe andar de bisicleta!* — ouvia-se, amiúde, entre a pequenada surpresa, sempre que se reparava nalgum miúdo mais afoito, pedalando de bicicleta torta, mas em suficiente equilíbrio para rolar no caminho empoeirado.

De entre as crianças, havia uma que fazia inveja a todas as outras e que, por isso mesmo, elas detestavam. Era o Zequinha, filho da professora Isabel. Morava com a mãe e uma criada da terra numa moradia alugada, que parecia um pequeno palacete de pedra rústica construído numa rua larga em frente de uma fonte pública. Nenhum dos membros dessa família era da aldeia, mas tomaram-na como sua durante bastante tempo porque a senhora era professora na escola e ali quis viver até se reformar. O marido, o senhor engenheiro Antonino, quase não era conhecido, por trabalhar, segundo se dizia, para os lados do Porto e só se ver a atravessar a aldeia de vez em quando ao fim de semana. Nunca se misturaram com os aldeões no que a vida permite de convívio fraterno. A professora Isabel não podia evitar os meninos na escola, mas conversas com os pais só em casos de gravidade extrema; reclamações, nem pensar. Mesmo ao domingo, cerravam-se na habitação e nunca apareciam na rua ou na igreja. Havia até quem os chamasse hereges, ou coisa parecida.

O Zequinha tinha um triciclo. Era uma prancha de madeira pintada de creme, com uma pequena almofada vermelha e um pequeno encosto, suportada por ferros grossos onde se apoiavam três rodas de raios pequenas atrás e uma maior com dois pedais à frente.

Quando o Zequinha punha os sapatos nos pedais e começava a pedalar na rua, os miúdos apareciam, uns descalços, outros de

toscas chancas, para o ver aos zigzagues, pedalando de prosápia, pé acima, pé abaixo, num ritmo alternado e firme. Os ciúmes da pequenada iam progredindo de encontro à bazófia de um menino do seu nariz, meio ruço de cabelo e uns olhos de desprezo. Raramente anuiu a um pedido de qualquer garoto, de olhos esbugalhados de avidez, para dar uma volta, raramente permitiu que outra criança roçasse o tecido velho das calças ou dos calções no assento do seu brinquedo.

Um dia, muitos riram de gozo numa gargalhada divertida. No cimo da rua de terra batida em declive, que desembocava perto de casa onde habitava, num momento de exibição ainda maior, o Zequinha montou no seu triciclo, abriu as pernas o máximo que pôde, abdicando dos pés nos pedais, e começou a rolar a grande velocidade ladeira abaixo. A meio da descida, já em descontrolo, os zigzagues pareciam de soberba exibição. Com os olhos a faiscar de admiração misturada de desejo, interrogação e invidia, a miudagem ia seguindo o avanço veloz e desgovernado do Zequinha.

— *Ai, ai, vai cair! Vai-se espetar!* — gritou o Sérgio.

— *Vai-se partir todo!* — acrescentou o Júlio, acompanhando com os olhos o desenlace da aventura.

De repente, atabalhoada e curiosa, a rapaziada começou a correr rua abaixo. Os risos e a agitação de alguns miúdos contrastavam com o choro compulsivo do Zequinha, preso num silvado, véu de uma poça ao fundo do caminho, e com o triciclo dobrado sobre uma perna.

Não foi preciso gritar por socorro. O Ti Amadeu Fragoeiro, homem afoito de outras ocasiões, calhou passar por ali naquele preciso instante e conseguiu puxar por uma perna o presunçoso e aventureiro menino. Depois, com a folha da enxada que trazia ao ombro, logrou recuperar também o triciclo empenado.

Apesar do revés, o Zequinha teve sorte, nesse dia. As silvas, viçosas e repletas de amoras, embora o tenham coberto de vergões arrebunhados de sangue, não só lhe protegeram o esqueleto, como impediram que se afogasse na água choca da poça.

— *Ainda bem que o Ti Amadeu apareceu!* — observou o Luísio Atarracado, para o resto da rapaziada em grupo, metros atrás do Zequinha, que seguia derrotado para casa com o triciclo torcido a reboque.

— *Chiça, o gaijo ia-se afogando!* — disse, resfolegando, o Cândido Rodeiro, na sua voz martelada.

Quando não assistiam à exibição de outros meninos e não tivessem de zurrar atrás dos pais rumo ao campo, que aí nunca havia braços que chegassem, as crianças da aldeia brincavam desabridas pelas ruas. De repente, era ver a miudagem a correr descalça, com calças ou calções apeados e uma alça ao pendurão, tocando um arco com um pau, puxando um rodeiro comandado por uma cana e um volante, atrelando por um fio toscos carros artesanais, jogando uma bola de plástico ou de trapos enrolados de improviso, como improvisadas eram as balizas de duas pedras e o campo uma rua qualquer de saibro ou já empedrada. Com as garotas pequenas, brincavam ao *rorró*, à cabra-cega, à bilharda, à carica, ao prego, ao telho, ao *espirra*, ao amocha... Outras vezes divertiam-se com coisas mais bizarras. Mas tudo tem o seu tempo para se saber.

A juventude casadoira, não fosse a lascívia da idade, que lhe estimulava o prazer do galanteio, não tinha grandes motivos para sorrir. Ninguém escapava à tropa e poucos conseguiam furtar-se à guerra no Ultramar, evitando o martírio de deixar de alma dorida, atribulada e saudosa, mães, esposas, namoradas, filhos. Já emancipados, dividiam-se pelos campos, pelas obras, um ou outro no ofício do pai e alguns aventuravam-se na fuga para Lisboa ou *a salto* para França.

As mulheres eram apenas mulheres que suportavam o triste fado de outros fardos: carregavam os filhos, primeiro no ventre, depois ao colo e ainda em canastras ou em gamelas à cabeça, que era pilar de outros tantos carregos. Amiúde, num caminho ou numa rua qualquer, ei-las, protegendo o couro cabeludo com uma rodilha de trapo, cabeças de través, ondeando as ancas, transportando molhos de erva, feixes de lenha, fardos de palha, cântaros de água, gamelas de loiças e comida e outras traquitanas de ocasião. Em tudo, se tinham músculos mais fracos, revelavam fibra superior, sobretudo quando se viam obrigadas a cuidar dos filhos e ainda a aturar os homens com quem tinham casado. Quantas vezes não se deixaram algumas subjugar por alcoólatras sem emenda!

As almas daquela aldeia não tinham género, porque a alma é espírito e não tem sexo. Mas, ao princípio, quem ali chegasse, vindo de fora, juraria estar numa terra de homens perdidos e entediados, com pouco para se entreter. Mal sabiam que as mulheres, salvo aquelas que tinham o prazer de outras famas, eram de outro calibre e superavam em número os homens se possível fosse juntar, em feminil clã, as viúvas, as esposas, as raparigas casadoiras, as solteiras e as meninas de toda a espécie. Viam-se menos, é certo, porque, acautelando o seu estado, tinham de tratar das lides caseiras, de preservar a memória de maridos já no cemitério, de guardar a honra e a castidade como joia valiosa.

Todos se conheciam. Mas nem todos sabiam o verdadeiro nome por detrás da alcunha. Essa, sim, era o distintivo indelével e inconfundível por que todos se diziam e às vezes se tratavam. E o sistema alcunhístico constituía um verdadeiro tratado de ciência onomástica, que varria profissões, pertença, lugares, ascendência, nacionalidade, zoologia, botânica, defeitos, magia de extrema originalidade e nalguns misturava-se tudo isso. As profissões estavam quase reservadas aos homens, a pertença sobretudo às mulheres de

maridos. Tudo o resto era uma amálgama criativa de epítetos. Para nomes iguais, alcunhas diferentes, que explicavam por que morava em Combadinha o António Maquinista e o Manel Marceneiro, a Lurdes do Vítor e a Fernanda do Elísio, o António da Póvoa e a Maria do Cruzeiro, a Rosa do Amadeu e o Manel da Rosinda, o Tomás Americano e o Artur Francês, a Júlia Bezerra e o Belarmino Passarinho, o António Sementinha e o Heitor Espigas, o Juvenal Inchado, o António Coxo e a Maria Pernetá, o Sebastião Bocanas, a Florinda Encharcas e a Inácia Perrufas, o Venceslau da Ilda dos Lampiões e a Fernanda do Mário da Encarnação do Zé do Postigo, entre tantos outros com apodos que nunca eram, nem podiam ser, pronunciados na presença de quem os detinha.

Ainda hoje, passados tantos anos, perdura na memória de todos os aldeões a imagem distante de quem deu vida e corpo ao apêndice de um nome. E os filhos, netos ou bisnetos carregam, por ora, o carinho ou o despeito de cada alcunha de clareza e distinção, fazendo perdurar a identidade no desnovelar das histórias de outros tempos.

2.

Um pastor pode salvar animais e almas perdidas.

Para pacificar esta gente, ainda facilmente domável, o senhor bispo fez anunciar que a paróquia de Combadinha, composta pela aldeia, duas terriolas e um lugarejo que nem capela tinha, iria receber um novo padre para tomar conta da igreja matriz, cultivar o vasto passal e dirigir um rebanho estranho, enraizado nos confins da sua diocese.

No dia em que um raro *DKV* preto rolou no centro da povoação, começaram logo os boatos e as novidades, não fosse a nova de homem novo ali novo também e a raridade do veículo.

— *Queres saber? Parece que já temos padre nobo* — disse a Felismina da Loja, trocando o *v* pelo *b*, como alguns na terra o faziam algumas vezes.

— *Parece qu'aquele carro qu'apareceu aí era o padre que vem pra cá* — atirou o João Coitado, sem se preocupar, como os restantes, com as elisões de sílabas redundantes.

— *Ouvi dezzer co padre bem pra cá já domingo* — comentou o Carlos Nobidades, deixando a sua marca no rol de boatos com laivos de verdade e mentira, sempre com muita incerteza.

— *Olha que se é aquele qu'eu vi a passar de carro, vai dar cabo da cabeça às raparigas* — brincou a Julieta dos Covais.